

MANTÊM-SE OS
PROBLEMAS DO
PASSADO*Jardim do Almirante Reis trouxe um novo pulmão à cidade
velha mas não apagou os seus flagelos sociais*

FOTOS: TERESA GONÇALVES

A requalificação da zona velha da cidade ficou-se pelas fachadas dos prédios da rua de Santa Maria e pelo jardim do Almirante Reis, onde os turistas têm toda a segurança do Mundo. A escassos metros, os roubos serpenteiam as ruas e a droga coabita entre paredes de estuque dos prédios do bairro colonial.



A nova zona velha

Ricardo Duarte Freitas
rfreitas@dnoticias.pt

O piso empedrado da Rua de Santa Maria estende-se como uma fronteira a delimitar o domínio dos sem rumo. Dos vultos da droga. A Sul, predomina o espaço verde do jardim, o lazer e os passeios à beira-mar - um dos "ex-libris" da cidade nova. No parque do Almirante Reis descansam turistas nos bancos de jardim. Depois terão tempo para caminhar na marginal, para serem assediados para as esplanadas dos restaurantes de comida típica, ou para uma intentada subida ao Monte.

No jardim, incomodam apenas as matilhas de cães vadios ou os sem-abrigo que dormitam entre os arbustos. Um agente da polícia patrulha a área em torno do teleférico sem muito para fazer. A câmara paga os chamados "remunerados" para ter um vigilante da segurança pública dos que

nos visitam, entre o meio-dia e o anoitecer. Pois a tranquilidade não tem preço e é preciso honrar o cartaz turístico da cidade que lá fora vende um destino seguro. Há que manter as fileiras de turistas de Inverno, como as que aguardam a vez à entrada para a estação do teleférico.

Aproveitando a manhã de sol, Kirsi Vidman, lia um livro em finlandês. Está na Madeira há três dias e não tem razão de queixa. «É um sítio tranquilo. Nós nunca tivemos nenhum problema, não conhecemos pessoas que tenham sido roubadas, eu acho que estamos seguros aqui». De facto, tal como a turista finlandesa, muitos outros se galvanizam com aquele bem-estar cada vez mais raro na velha Europa, um sentimento de segurança que começa a ter os seus "quês" logo ao cruzar a rua de Santa Maria, onde a segregação social mostra a face de uma pesada herança social produzida pelo estigma da toxico-

dependência.

O DECLÍNIO DOS "BARÕES" DA SERINGA

Em passo milimétrico Rosa Gonçalves, de 74 anos, vai avançando sobre a calçada de basalto, apertando o braço da mãe numa mão e a carteira contra o peito, com a outra. «Por enquanto nunca fui assaltada graças a Deus, mas que os leve o diabo!».

A sentença dos "barões" das ruas da zona velha da cidade começou a ter data marcada em 2000, quando a PSP assumiu a competência em matéria dos pequenos crimes, puníveis com pena até 3 anos. Foram criados mais meios - a Divisão de Investigação Criminal e as suas brigadas - para pôr cobro à praga dos roubos, à propagação do tráfico de droga e de armas, à prostituição. Mas nem por isso, a marginalidade deixou de implantar nas ruas um "gueto" empastado. Um rótulo que não nasceu entre

as paredes de estuque dos prédios antigos e de telhados coloniais - hoje património arquitectónico de interesse regional.

Ainda hoje as conversas dos cafés do Almirante Reis resumem essas mesmas histórias. Em frente à loja do Marítimo, os velhos comentam o futebol jogado nos Barreiros e a delinquência vivida na zona velha da cidade. «Isto está melhor mas continua a haver ladroagem. Eu cá tenho aqui a ponta do guarda-chuva».

DROGA GERA ROUBO, ROUBO ALIMENTA DROGA

É no fundo da rua da Boa Viagem, entre as tascas e as sapatarias, que "estacionam" sobre os corrimões do passeio os tais "atletas" que habitualmente serpenteiam as labirínticas ruas da cidade envelhecida e golpeiam as vítimas ao soco e pontapé. É ali montam a "tenda" para acertar as doses e os preços da droga. O grupo

que se mantém sempre à espreita é já um ilustre conhecido dos frequentadores da zona. «Eu cá me ponho a pau, escondo a carteira e as coisas aqui em baixo e pronto.»

Os indivíduos em causa estão referenciados pelos crimes de tráfico e consumo de drogas, roubo e furto contra pessoas, em estabelecimentos comerciais e casas, por ofensas corporais graves - espancamento ou esfaqueamento. Têm um currículo assombroso. Aguardam julgamento percorrendo sempre o mesmo trilho viciante, sob medidas de coacção várias mas que não lhes impedem de cometer os ilícitos do passado.

«Ali na tasca eles sabem quem são. Conhecem essa ladroagem, esta podridão toda», respondeu o anónimo. Aqueles rostos saltam à vista nos cadastros da Polícia. Faces marcadas pelo envelhecimento prematuro da pele, imprimido pelo vício da droga. Apelidos como "Catorze", "Dezassete",